

O ensino escolar que disciplina e normaliza: Luiz Antonio dos Santos Lima e as medidas de correção contidas em *Hygiene Mental e Educação* (1927)

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes*
Juliana da Rocha e Silva**

Resumo:

O tema do texto é o pensamento médico-educacional de Luiz Antonio dos Santos Lima (1890-1961) defendido em sua tese de doutoramento *Hygiene Mental e Educação* em 1927. Analisa-se sua concepção de *ensino sob medida* e sua proposta de implantação da higiene mental nas instituições escolares brasileiras do início do século XX. Da perspectiva histórica de análise do discurso proposta por Foucault, salienta-se o contexto social em que o movimento higienista foi idealizado e os poderes disciplinar e normalizador da época que estavam imbuídos no pensamento do autor. A relevância deste estudo está na análise de uma proposta de ensino situada no quadro de compreensão do pensamento higienista brasileiro e que, voltada para o progresso nacional, tinha como meta o desenvolvimento sadio da criança escolar.

Palavras-chave:

Luiz Antonio dos Santos Lima; ensino sob medida; disciplina escolar; norma; higiene mental.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Professor do Departamento de Filosofia, da Pós-Graduação em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

** Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), aluna de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

School education that disciplines and standardizes: Luiz Antonio dos Santos Lima and corrective measures present in *Mental Hygiene and Education* (1927)

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes
Juliana da Rocha e Silva

Abstract:

This work examines the medical and educational thoughts proposed by Luiz Antonio dos Santos Lima (1890-1961) in his doctoral thesis *Mental Hygiene and Education*, written in 1927. It discusses his conception of education and the mental hygiene practices he proposed to be inserted into Brazilian educational institutions in the early twentieth century. The discourse analysis proposed by Foucault allows us to emphasize the social context in which the hygienist movement was conceived and how the disciplinary and normalizing powers of that time were present in author's thought. The relevance of this work is the analysis of a teaching proposal that was present in the understanding of Brazilian hygienist thought and, focused on national progress, had as its goal the healthy development of each schoolchild.

Keywords:

Luiz Antonio dos Santos Lima; tailored education; school discipline; standard; mental hygiene.

La escolarización que disciplina y normaliza: Luiz Antonio dos Santos Lima y las medidas correctivas presentes en *Hygiene Mental e Educação* (1927)

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes
Juliana da Rocha e Silva

Resumen:

El artículo examina el pensamiento médico-educativo de Luiz Antonio dos Santos Lima (1890-1961) presente en su tesis doctoral *Hygiene Mental e Educação*, de 1927. Se analiza su concepción de *enseñanza a la medida* y de su propuesta de implantación de la higiene mental en las instituciones educativas de Brasil a comienzos del siglo XX. La perspectiva histórica de análisis del discurso propuesta por Foucault nos permite estudiar el contexto social en que el movimiento higienista fue concebido y percibir cómo los poderes disciplinarios y normalizadores de la época estaban infundidos en el pensamiento del autor. La relevancia de este estudio está en el análisis de una propuesta de enseñanza que se encuentra en la comprensión del pensamiento higienista brasileño y que, enfocada en el progreso nacional, tenía como objetivo el desarrollo saludable del niño en edad escolar.

Palabras clave:

Luiz Antonio dos Santos Lima; enseñanza a la medida; disciplina escolar; norma; higiene mental.

Introdução

Luiz Antonio Ferreira Souto dos Santos Lima¹ (1890-1961) foi um pensador potiguar que, formado nas áreas da Educação e da Medicina, assumiu cargos profissionais de referência na cidade do Natal. Tendo sido professor, médico, farmacêutico, fundador e diretor de hospital, como também membro de agremiações (tais como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Academia Potiguar de Letras), pôde pertencer a uma intelectualidade que tinha como foco a prevenção e a cura de doenças.

O momento histórico em que viveu o fez perceber que os problemas sociais enfrentados pelas cidades brasileiras (em especial, pela capital do seu estado) eram diretamente relacionados à higiene. Por isso, aliando as áreas da sua formação, pensou um discurso médico-educacional que possibilitasse à nação seguir as demandas de um país republicano. Então, em 1927, publicou *Hygiene Mental e Educação*², sua tese de doutoramento, na qual enfatizou a necessidade de ser aplicado o *ensino*

¹ Luiz Antonio Ferreira Souto dos Santos Lima nasceu em Assú/RN, no ano de 1890. Formado professor, em 1910, pela Escola Normal de Natal, lecionou no Grupo Escolar Augusto Severo, no Atheneu norte-rio-grandense, como também na escola onde se formou. A militância em prol do ensino permitiu que ele fosse um dos fundadores da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, a qual também presidiu. Em 1919, já farmacêutico, tornou-se diretor da Escola de Farmácia de Natal. Em 1921, decidiu estudar medicina no Rio de Janeiro, momento em que entrou em contato com os ideais de higiene mental; concluiu o curso em 1926. No ano seguinte, defendeu a sua tese de doutoramento, *Hygiene Mental e Educação*, na qual aliou os conhecimentos obtidos nas áreas da Educação e da Medicina para propor a higienização das mentes das crianças em idade escolar do Rio Grande do Norte. Ademais, preocupado com a situação dos cancerosos, dedicou-se à oncologia e criou a Liga Norte-rio-grandense Contra o Câncer. Foi Luiz Antonio o fundador e o pioneiro da radioterapia profunda no estado – fato esse que o tornou mais conhecido no âmbito da Medicina. Trabalhou também como chefe dos serviços clínicos dos pacientes indigentes no Hospital de Caridade Juvino Barreto (atual Hospital Universitário Onofre Lopes), dirigido por Januário Cicco. Ao seu currículo, juntam-se também os cargos de diretor do Departamento de Educação e do Hospital Evandro Chagas, de sócio-fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte e de membro da Loja Maçônica da Sociedade Filhos da Fé, da Academia Potiguar de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (Cardoso, 2000; Cascudo, 1998; Costa & Morais, 2010; Silva, 2013).

² Por fidelidade e registro histórico, optamos por manter as formas ortográficas e gramaticais dos originais antigos citados.

sob medida nas instituições escolares de educação primária brasileiras. A medida pensada por ele para o ensino escolar estaria vinculada às anormalidades mentais e comportamentais que cada criança poderia apresentar.

Considerando a importância do tema, definimos o objetivo deste artigo: analisar o pensamento educacional de Luiz Antonio dos Santos Lima, atendo-nos às medidas de higiene mental por ele propostas para a implementação do ensino sob medida nas escolas brasileiras no início do século XX. Com base nessa análise, pudemos perceber que a disciplina e a normalização do comportamento das crianças eram marcas constantes do seu pensamento educacional. Mais do que isso, compreendemos que os poderes disciplinar e normalizador da época eram manipulados pela intelectualidade para a formação de mentes sadias e adaptadas para o progresso do Brasil de então.

O trabalho é fruto da pesquisa realizada para a elaboração da dissertação de mestrado³, na qual investigamos a concepção de ensino sob medida proposta pelo médico e educador em destaque. As fontes analisadas ofereceram-nos a oportunidade de investigar o ideário do movimento higienista – principalmente no que se refere à higiene mental –, descobrindo sua importância para o discurso médico-educacional de Luiz Antonio dos Santos Lima e para as medidas de higienização das mentes, citadas pelo potiguar na tese de doutoramento. Neste artigo, pretendemos resgatar a pessoa que Luiz Antonio foi, o ideário pedagógico que postulou e como contribuiu para a História da Educação Brasileira, especificamente para a historiografia educacional norte-rio-grandense, apresentando a proposta da medida certa para o ensino escolar.

Foi necessário fazer um recorte temporal que englobasse o período em que as práticas de higienização física e mental da população foram tidas como medida política emergente. Assim, delimitamos o contexto histórico do final do século XIX e início do século XX como recorte de análise.

Temos ciência de que o tema do movimento higienista e as pessoas que dele fizeram parte têm sido objeto de estudo de vários pesquisadores

³ A dissertação teve como título *A concepção de ensino sob medida na obra Higiene Mental e Educação (1927), de Luiz Antonio dos Santos Lima* e esteve vinculada à Linha de Pesquisa “História da Educação, Práticas Sócioeducativas e Usos da Linguagem”, sob orientação do professor Dr. Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes (UFRN).

em diferentes áreas do conhecimento (Antropologia, Psiquiatria, Medicina, História, etc.), o mesmo acontecendo com o movimento a favor da higiene mental. No entanto, consideramos que ainda são incipientes as pesquisas sobre o pensamento de Luiz Antonio dos Santos Lima, já que os trabalhos divulgados sobre ele⁴ apresentam um aspecto mais biográfico do que de análise de discurso.

Não tendo sido esgotada, portanto, a necessidade de estudo e de divulgação do ideal sanitarista proposto pelo pensador, julgamos pertinente apresentar Luiz Antonio dos Santos Lima à sociedade brasileira como o médico e educador potiguar que contribuiu para a disseminação do discurso de higienização das mentes no Brasil.

Para nós, esse resgate do pensamento do autor é importante pela seguinte razão:

como a sua herança cultural não se materializou na relação das possibilidades pessoais⁵, cabe à nossa geração, aos seus contemporâneos, a defesa, a guarda, a vigilância ao nome, para que não se apague na lembrança do futuro (Casculo, 1998, p. 113).

Assim, fazendo uso da análise do discurso para abordar sua tese de doutoramento, percebemos que a obra de Luiz Antonio é um veículo que ratifica a preocupação de cuidar, construir e proteger a nação brasileira dos novecentos dos “distúrbios mentais” que seriam entraves ao progresso social e econômico do país. Nessa medida, nossa contribuição corresponde ao intuito de ampliar a reflexão a respeito do movimento pró-higiene mental e de compreender o período de mudanças sociais em que vivia o país, bem como o espaço que ocuparam as medidas de higienização das mentes nesse ambiente marcado pela crise social⁶.

⁴ Destacamos os trabalhos de Karoline Louise da Costa e Maria Arisnete C. de Moraes sobre o potiguar (Costa & Moraes, 2010; Costa, 2011, 2013).

⁵ Luiz Antonio dos Santos Lima publicou duas obras: *Hygiene Mental e Educação* (1927) e *Educação Sexual* (apud Silva, 2013). Não encontramos, porém, nenhum indício de onde encontrar esta última publicação. A cidade do Natal, reconhecendo a relevância intelectual que o potiguar teve para o estado do Rio Grande do Norte, prestou-lhe três homenagens: o Hospital Doutor Luiz Antonio (também conhecido como Hospital do Câncer/Liga norte-rio-grandense contra o câncer), a Escola Estadual Professor Luiz Antonio e a Rua Luiz Antonio.

⁶ Micael Herschmann, Simone Kropf e Clarice Nunes, no livro *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937)* (1996), explicam que, por um lado, as cidades brasileiras experienciaram uma

Hygiene Mental e Educação e o contexto social do período: foco na educação completa

Sabemos que o início da era republicana foi importante para a urbanização e a industrialização do Brasil⁷ (Santos, 2010; Veiga, 2011). As transformações econômicas, políticas e industriais fizeram com que as cidades brasileiras crescessem e, assim, o aumento da população urbana acarretou um crescimento populacional desordenado⁸, que, atrelado à falta de estrutura física das cidades, resultou em condições de vida insalubres nas cidades brasileiras (Scott, 2012)⁹.

Juntamente com o aumento do número de habitantes nas cidades, a falta de saneamento e as condições precárias de higiene “agravaram ainda mais os problemas da cidade suja, doente, acanhada, espremida e desprovida, exigindo soluções a curto prazo” (Lima, 1996, p. 81).

euforia diante das perspectivas renovadoras do progresso republicano. Por outro, operando na sociedade brasileira como um todo, havia o sentimento de crise, que tinha no Rio de Janeiro a sua condensação mais preocupante, já que esse era o centro comercial, político, administrativo e financeiro do país. Fruto principalmente do surto industrial, do crescimento populacional desordenado e do esgotamento da estrutura física das cidades, a crise social fazia da insalubridade, da falta de saneamento e das epidemias entraves ao progresso da nação. Por isso, no sentido de reverter o quadro de atraso, os homens da ciência (médicos, engenheiros e educadores) pensaram em medidas reformadoras para a sociedade brasileira.

⁷ As mudanças no regime trabalhista, advindas com a abolição da escravidão em 1888, permitiram que o capital antes destinado à compra de escravos passasse a ser investido no setor industrial – o que otimizou a produção de navios a vapor, a construção de estradas de ferro, a instalação de telégrafos e a abertura de bancos. O processo de industrialização e o aumento da produtividade fizeram com que o Brasil acumulasse capitais e incentivasse o consumo de bens e serviços, estimulando novos investimentos e inovações técnicas.

⁸ Sodré (1976) explica que havia no Brasil, entre os anos de 1890 e 1900, 17 milhões de habitantes; número que, em 1920, aumentou para 30 milhões.

⁹ A capital do Rio Grande do Norte foi um exemplo de cidade em condições sociais insalubres. Segundo afirmam Azevedo e Stamatto (2012, p. 22), “as transformações ligadas a um rápido crescimento urbano, acompanhadas de explosão demográfica, trouxeram problemas para as zonas urbanas. Natal [...] foi assolada periodicamente pela varíola, pela tuberculose e por retirantes em épocas de seca, como a dos anos de 1877, 1904 e 1915”. Sobre o projeto de remodelação do desenho urbanístico da cidade e a instalação de novos serviços públicos, ver *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense*, de Márcia Marinho (2011).

Segundo Santos (2010), estima-se que grande parte da população brasileira do início do século XX vivia em cortiços, um tipo de moradia que predominava nas cidades e abrigava uma considerável quantidade de pessoas por unidade. Com isso, “as pestes e epidemias se alastravam, beneficiadas pela ausência de condições mínimas de salubridade e saneamento” (Santos, 2010, p. 212).

O progresso e a modernização exigidos pela nova ordem social eram incompatíveis com as epidemias, que dizimavam milhares de pessoas, com as ruas imundas e com os corpos sujos e doentes da população. Era preciso transformar o país doente em país sadio, limpo e ordenado – requisito fundamental para a implantação e a consolidação de uma sociedade “moderna”, equivalente econômica e culturalmente aos países desenvolvidos.

O pensamento da intelectualidade do início do século XX, a qual era composta principalmente por médicos, engenheiros e educadores, via a causa do atraso e da incivilidade do país no brasileiro, cujo corpo sujo e doente era um entrave ao desenvolvimento e ao progresso da nação. Entendiam os homens da ciência que um corpo doente era a origem das diversas mazelas sociais: criminalidade, pobreza, ignorância, vícios, problemas hereditários, entre outros. Por isso, na tentativa de levar o país ao progresso e deixá-lo livre dos atrasos sociais, a intelectualidade brasileira, imbuída do espírito nacionalista e ufanista, pensou em medidas e apontou soluções para o caos social em que o Brasil se encontrava (Dumas, 1996).

Foi esse contexto que permitiu à Medicina despontar como campo disciplinar capaz tanto de curar as doenças físicas quanto de preveni-las. Os médicos, por acreditar na ciência como o único conhecimento válido para tal feito, seriam os encarregados de fortalecer as capacidades produtivas de cada indivíduo, em vista do desenvolvimento da nação brasileira. Assim, para a intelectualidade médica, o cerne da solução para o Brasil doente e atrasado estaria na inspeção higiênica dos corpos, casas e espaços públicos, já que contribuiria para a erradicação das mazelas de caráter físico.

Havia, também, a ênfase na necessidade da ampla reformulação dos costumes da população, visto que o pensamento de renovação do período tinha a moralidade, a conduta, os bons costumes e as doenças psíquicas como problemas de higiene, fazendo disso o alvo de intervenção médica. Associadas à desordem, ao crime, ao alcoolismo, à preguiça, à falta de

inteligência, entre outros empecilhos ao desenvolvimento do país, as doenças mentais preocupavam as autoridades da época e se tornavam alvo de pesquisas e classificações pelos higienistas, que buscavam suas causas, sintomas e tratamentos (Boarini, 2000, 2003, 2007).

Diante disso, a ciência médica invadiu todas as esferas da vida social, incluindo a prática pedagógica da escola e os modos de se viver em família. Os mais recentes estudos sobre a higiene do corpo e da mente foram publicados como teses de doutoramento nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro – teses essas que se constituíam como requisitos para a formatura em Medicina.

Em seus trabalhos de final de curso, os médicos recém-formados valiam-se de um “discurso voltado para a vida social, especialmente para a normalização da vida em família desejada pela ordem médica” (Gondra, 2004, p. 50). Assim, ainda segundo Gondra (2004), temáticas envolvendo o cuidado com o corpo, os variados tipos de doenças físicas, a alienação mental e a importância da higiene na vida das pessoas eram as mais recorrentes nas teses de doutoramento publicadas.

Publicando sua tese em 1927, o potiguar Luiz Antonio dos Santos Lima enquadrava-se no grupo dos profissionais da saúde que se debruçou sobre os riscos da alienação mental e sobre a importância das medidas de higienização das mentes dos indivíduos. Para ele,

O intuito exclusivo da hygiene mental é de proteger e melhorar o psychismo do homem; é um ensaio para se estabelecer as bases racionais e scientificas do seu funcionamento, para dar orientação, que constitue a prophylaxia das psychopaties no individuo normal, no predisposto e no anormal, para melhorar o mais possivel as engrenagens diversas das funcções mentaes; procurar contribuir largamente para a felicidade duradoura dos individuos e da sociedade, pelo que constitue uma das partes da hygiene social (Lima, 1927, p. 9).

Segundo o pensador, um dos meios mais eficazes de se fazer a profilaxia mental dos indivíduos era agir sobre as crianças no ambiente da instituição escolar.

Provindo do ambiente domestico, onde exerce dominação, ás vezes dispotica, attenta a má compreensão que teem os paes de sua missão, a creança entra na escola aos 7 annos e encontra um meio de egualdade perfeita, sob a égide

esclarecida de um mestre, que precisa sêr um môdelo vivo de equilibrio physico e mental (Lima, 1927, p. 25).

Nesse sentido, o autor salientou que à instituição escolar deveria ser atribuído um papel disciplinar e sancionador, cujo centro de gravidade fizesse da educação o núcleo mediador da vida em sociedade. Na escola, os novos modelos de comportamento deveriam se pautar em modelos formativos da higiene.

Os bons conselhos, quer de moral, quer de Hygiene, são muito aproveitaveis neste periodo [da infância] e assim como os máos processos pedagogicos podem influenciar na genesis da degeneração mental, assim também a boa orientação impressa á educação de uma creança pôde salvaguardal-a do disequilibrio psychico (Lima, 1927, p. 25).

A escola do início do século XX, portanto,

deveria ser ordenada pelos princípios, métodos e prescrições da higiene, de modo a poder formar sujeitos fortes, saudáveis, inteligentes e moralizados que, com essas características, alicerçariam a nação, constituindo-se em base segura para um futuro idealizado como grandioso (Gondra, 2002, p. 119).

Essa instituição social seria, pois, a responsável por operar individualizações disciplinares e engendrar novas subjetividades nas crianças, contribuindo para a constituição da sociedade. Tal como salienta Foucault (1995, p. 174), cabe à escola o controle

do tempo (atrasos, ausências, interrupções de tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), do modo de ser (indelicadeza, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos inconformes, falta de asseio), da sexualidade (imodéstia, indecência).

O médico e educador ainda ressaltou a preocupação com o controle do espaço, especialmente quanto à distribuição do espaço dos escolares segundo os níveis mentais. Segundo ele, a divisão dos escolares não deveria ser feita de forma aleatória: o ensino deveria ser ministrado de acordo com a evolução psíquica de cada um e as classes deveriam ser determinadas de acordo com orientações dos médicos e não conforme o caráter falível da idade.

Em Luiz Antonio dos Santos Lima, esse controle escolar seria a medida para se alcançar a *educação completa* das crianças, garantindo que as inteligências, os comportamentos e os corpos fossem trabalhados individualmente. Para isso, o autor potiguar propôs que o comportamento de cada escolar fosse alvo de observação e análise: cada criança teria um dossiê objetivo de sua infância, o qual seria organizado por meio do preenchimentos de fichas escolares, nas quais, dentre outras informações, constariam os antecedentes psíquicos hereditários, colaterais e pessoais de cada criança.

Na transição do século XIX para o XX, o controle dos comportamentos – a ser aplicado regular e constantemente, principalmente nas escolas – foi o cerne da medida de higienização das mentes, sendo defendido também por outros pensadores. Além de Luiz Antonio dos Santos Lima, os médicos Heitor Carrilho, Afrânio Peixoto, Henrique Roxo, Leonídio Ribeiro, Miguel Ozório, Gustavo Riedel, Miguel Salles, Alvaro Guimarães Filho, Diógenes Sampaio, Antônio Austregésilo, Carlos Chagas, Miguel Couto, Júlio Porto-Carrero¹⁰, dentre outros, compartilharam espaços de sociabilidade científica e profissional e tiveram referenciais formativos próximos uns dos outros (Dias, 2011).

Em sua tese de doutoramento, propondo medidas de higienização para a prática educativa, Luiz Antonio defendia a intervenção, amparada pela equipe médica, nas mentes infantis a fim de que os maus hábitos verificados nas crianças pudessem ser modificados e corrigidos. O controle apresentado em seu discurso higienista correspondia à correção dos desvios gerais que já assolavam a mente dos escolares e contribuíam para a desarmonia, a indolência, a desatenção e a ignorância dos futuros cidadãos, além da vigilância constante – por parte dos médicos, professores e diretores escolares – para a prevenção das doenças mentais.

O discurso médico-científico do potiguar expressava a preocupação com a sanidade dos indivíduos, pois, além de ser imprescindível cuidar da saúde para que as mazelas não ocorressem, somente uma população livre das doenças da mente tornaria possível ao Brasil alcançar o patamar do desenvolvimento e da civilidade. O pensamento educacional que defendeu implicava a aliança entre saúde mental e educação como condição para a utilização da cientificidade do saber da Medicina no âmbito da instituição

¹⁰ Alguns desses intelectuais, inclusive, foram citados pelo autor em sua tese de doutoramento.

escolar e, assim, o controle dos modos de viver das crianças, moldando seus comportamentos, gestos e, até mesmo, pensamentos.

Luiz Antonio entendia que o fim essencial da educação escolar deveria ser o “desenvolvimento completo da individualidade”, isto é, o melhor rendimento físico, intelectual e moral da criança (Lima, 1927, p. 141). Considerava também que a prática educativa deveria ser voltada para a formação de bons profissionais, capazes de servir bem à sociedade.

A finalidade da sua proposta educacional era atingir a *educação completa* das crianças por meio de uma formação voltada para seus aspectos físicos, morais e intelectuais. As ideias contidas em *Hygiene Mental e Educação* estavam intrinsecamente relacionadas aos anseios da intelectualidade médica e educacional da época, bem como ao perfil do brasileiro a ser alcançado pela prática pedagógica higienista. Ou seja, os fins da educação no início do século XX eram educar o corpo físico e cuidar da mente e da moral dos infantes, em total conformidade com os padrões de higiene de então.

Segundo o médico e educador potiguar, a necessidade de se alcançar a *educação completa* das crianças e jovens justificava a ênfase dada à aplicação do ensino sob medida nas instituições escolares.

Assim, os conceitos utilizados em *Hygiene Mental e Educação*, adaptados para aquele momento histórico, ajudam-nos a compreender as páginas da historiografia educacional brasileira.

As práticas de higiene mental e o ensino sob medida

No discurso médico-pedagógico do autor, a higiene mental é apresentada como uma ciência que deveria ser aplicada na escola, já que visava o equilíbrio psíquico, a saúde da alma e a preservação das psiconeuroses humanas. Considerando que, naquele contexto, a doença mental era colocada entre os mais temíveis flagelos sociais, a utilização dessa ciência teria como objetivo proteger e melhorar o psiquismo das crianças. Luiz Antonio entendia que, sob vigilância e disciplina constantes, os escolares deveriam ser analisados individualmente em suas imperfeições – tanto morais quanto mentais – e moldados por meio da inculcação e do cultivo de hábitos sadios, que passariam a constituir a personalidade de cada um.

Essa análise individual do nível mental das crianças seria realizada por meio da aplicação dos testes de inteligência e teria como resultado a melhoria do rendimento de cada escolar por evitar seu cansaço mental.

Para Luiz Antonio dos Santos Lima, a divisão por classes não deveria ser feita conforme a idade, mas sim segundo as afinidades de inteligência. De acordo com as suas palavras,

a distribuição das classes por este feitio logico e scientifico não visa unicamente o melhor aproveitamento dos escolares e sim um meio de evitar que a criança se enerve, já no afan de hobrear com as mais evoluídas, já no receio de censuras ou castigo das professoras (Lima, 1927, p. 28).

Dessa forma, qualquer desvio de comportamento, qualquer dificuldade mental seria detectada e sofreria as medidas de intervenção médica e correção da anomalia: para cada caso, um plano de ação; para cada desvio, uma correção. Com isso, crianças com comportamento suspeito – os “idiotas”, os “débeis mentaes”, o “preguiçoso”, o “triste”, o “medroso”, os “instaveis ou nervosos”, os “emotivos”, os “perversos”, os “hystericos”, os “impressionáveis”, os “presumpçosos ou convencidos”, entre outros desvios descritos na tese – seriam corrigidas em suas imperfeições, conforme o grau de anormalidade percebido.

Para o potiguar, o comportamento anormal, antes de se tornar evidente, revela-se por sinais, por isso o diagnóstico precoce dos desvios de normalidade era importante, já que “permittia tomar, em face dos anormaes, todas as providencias pedagogicas convenientes, ao mesmo tempo que subtrahir os normaes á sua influencia nociva” (Lima, 1927, p. 22). Nesse quesito, médicos e professores teriam papel de destaque: os primeiros, porque dominavam o conhecimento médico-científico; os segundos, porque passavam mais tempo com as crianças e podiam observá-las melhor.

Caberia ao professor, por meio de sua observação e experiência, apontar ao médico escolar as crianças que parecessem afetadas pelas anormalidades (por patologias, indisciplina ou inadaptação ao ritmo escolar). O médico escolar seria, portanto, o profissional fundamental para a dosagem do ensino para a educação completa das crianças (Lima, 1927), já que era o responsável por agir e receitar o melhor tratamento para cada caso de mentalidade anormal.

Uma vez identificado o desvio, o médico se incumbia de fazer um diagnóstico preciso da anomalia. Com a colaboração dos professores e a aplicação dos testes psicológicos, precisava “a qualidade e a quantidade do retardamento e do deficit mental em causa” e, com o auxilio dos pais,

procurava a etiologia da anomalia da criança – “alcoholismo, syphilis, tuberculose, etc.” (Lima, 1927, p. 23). A ele caberia:

Propôr um tratamento médico-etiológico, si fôr possível (insufficiencia endocrínica, heredo-syphilis, tuberculose), e designar para cada creança as medidas especiaes a tomar, segundo a categoria do seu *deficit*: classe de repetição, para os atrasados por insufficiencia de escola; escolas ao ar livre, para os retardados por miseria physica; escola de aperfeiçoamento, para os debeis intellectuaes; escola de reforma, para os perversos (Lima, 1927, p. 23, itálico do autor).

Luiz Antonio dos Santos Lima dividiu as anormalidades mentais em sete “constituições psychopathicas” (Lima, 1927), definidas por ele como tendências, para observar o estado de desequilíbrio comportamental da criança, precisar as personalidades infantis que fugissem do padrão da normalidade e prever a psicose que estivesse passível de evolução.

As categorias que estabeleceu são as seguintes: 1) *constituição psychopathica hyper-emotiva* – com indivíduos emotivos por futilidades, cujas manifestações são exageradas em intensidade e duração (nela estão os sensitivos, os impressionáveis, os tímidos, os hesitantes); 2) *constituição psychopathica cyclothymica* – com indivíduos que apresentam oscilações de excitação e abatimento (os “hyperactivos” e “hypoactivos”, os “inconstantes”, os “borboletas”); 3) *constituição psychopathica mythomaniaca* – grupo dos que apresentam tendência à mentira; 4) *constituição psychopathica paranoica* – indivíduos com predisposição exagerada para o orgulho, dominação e desconfiança (classe dos “presumpçosos, convencidos”); 5) *constituição psychopathica amoral* – grupo das crianças cínicas, perversas e turbulentas, que apresentam fraqueza dos sentimentos éticos e dos sentimentos afetivos (desobedientes, indisciplinados, rancorosos, malvados); 6) *constituição psychopathica eschizoide* – grupo dos que se refugiam em si mesmos, fogem da vida real (“crianças preguiçosas e abstractas”); e, a última, 7) *constituição psychopathica psychasthenica* – grupo dos indivíduos cujas incertezas os tornam irresolutos e inquietos, apresentam tendências às obsessões e fobias.

Considerando as *constituições psychopathicas* como modalidades anormais na evolução do espírito (hereditária ou de causa muito antiga, afetiva ou física), Luiz Antonio dos Santos Lima destacou a importância

de a escola modificar, atenuar e extinguir os hábitos antes que eles crescessem com o indivíduo e constituíssem sua segunda natureza. Assim, sugeriu diversas medidas de correção.

Quanto às emoções demasiadas, os professores deveriam evitar castigar ou ridicularizar os emotivos, sob pena de praticarem verdadeiros crimes, coroar de êxito as atividades físicas, pois “os insucessos têm uma repercussão desastrosa no seu delicado trama nervoso” (Lima, 1927, p. 42-43), explorar os dons artísticos e as tendências religiosas. Evitar que as crianças tomassem muito café ou chá e comessem alimentos condimentados ou fermentados também era aconselhável. Essas mesmas medidas deveriam ser utilizadas para os *psychasthenicos*.

Segundo o pensador, as medidas profiláticas e higiênicas destinadas aos indivíduos que apresentassem essas duas *constituições psychopathicas*, eram passíveis de idênticas indicações porque elas “guardam entre si um evidente parentesco morbido” (Lima, 1927, p. 42). Assim, fazia-se imprescindível amparar moralmente as tendências *hyper-emotivas* e *psychathenicas* desses indivíduos, evitando provocá-las ou interrompê-las bruscamente e tentar “trazel-as á calma, esclarecer-lhes [aos alunos] os riscos inevitaveis, a necessidade do esforço, da luta, o prazer da victoria” (Lima, 1927, p. 42).

Para os *cyclothymicos*, as medidas de higienização que Luiz Antonio propôs diziam respeito tanto às boas influências e condições do meio às quais esses indivíduos pertenciam quanto às medidas voltadas diretamente para suas mentes. O potiguar acreditava que os fatores externos capazes de desenvolver a predisposição à *constituição cyclothymica* eram: “os tóxicos, com o álcool á frente, as molestias infecciosas”, “a vida muito austera, a privação das alegrias sãs, do exercicio physico, das diversões” (Lima, 1927, p. 44); sem contar o “inconveniente de certas leituras, cujo cunho de severidade os impressiona profundamente” (Lima, 1927, p. 44). Ele justificava esse destaque ao perigo de certas leituras com a ideia de que elas faziam aflorar as emoções (como vimos, emoções em demasia eram um risco a um salutar desenvolvimento mental).

No caso dos fatores internos causadores das anormalidades *cyclothymicas*, Luiz Antonio destacou “as crises physiologicas, como a puberdade, se não são cercadas dos devidos cuidados, a fadiga, [e] o esgotamento” (Lima, 1927, p. 44).

Os *mythomaniacos* eram os que mais impunham cuidados aos profissionais da higiene mental, pois implicavam a hereditariedade. Por

isso, Luiz Antonio dos Santos Lima mostrou-se inflexível com a mentira e a hipocrisia, afirmando claramente que esse era o modo de agir apropriado diante da constituição *mythomaniaca*: “é preciso ser inflexível em face da mentira e da hyprocisia” (Lima, 1927, p. 47). Para ele, embora a mentira, a “invencionice”, fosse normal e constituísse uma fase transitória do desenvolvimento infantil, seria aconselhável impedir sua manifestação entre os 10 e 15 anos. Era preciso orientar a criança, trazendo-a à realidade por meio de castigos simples e enérgicos que variassem de “simples admoestações e ameaças [...] até provocar colera ou lagrima, indício de efficacia” (Lima, 1927, p. 47). Convinha também incentivá-la a brincar com outras da mesma idade, orientá-la na escolha dos livros de literatura (as histórias policiais eram consideradas prejudiciais), tomar cuidado com o cinema e teatro, pois tudo que resultasse em excesso para a imaginação infantil deveria ser afastado.

Luiz Antonio dos Santos Lima aconselhou que, aos orgulhosos, presunçosos e convencidos, tidos como *paranoicos*, fosse ensinado, com cuidado, o limite do seu poder: a “tendencia mórbida ao orgulho, manda [...] muita prudencia, uma vez que não se póde golpear fundo ou tentar destruir aquillo que está profundamente vinculado á natureza delles. Seria até tornal-os vingativos e rancorosos” (Lima, 1927, p. 49).

Esses meninos e meninas, por terem o espírito dominador e por tentarem “realizar no ambiente suas idéas pathologicas”, deveriam ser tratados como “homens e moças”; “sem infringir-lhes humilhações, paes e mestres deveriam inculcar-lhes a comprehensão de que capitular, deante de certas injunções, é um gesto incontestado de nobreza” (Lima, 1927, p. 48-49). Alertou para que nunca fosse elogiado o esforço do menino prodígio, futura criança manhosa, mostrando-lhe também que existem outras tantas crianças mais dotadas do que ele. Crianças com esse perfil deveriam ser colocadas em classes mais adiantadas para que se sentissem “inferiores”.

Para os indivíduos com constituições *amoraes*, cabia o combate ao alcoolismo, à sífilis, à procriação em condições anti-higiênicas, à união consanguínea (já que possui também caráter hereditário), entre outras medidas profiláticas: se “aparecerem”, era recomendado privá-los do convívio em “meios immoraes, onde dominam o alcoolismo, a prostituição e a miseria moral” (Lima, 1927, p. 52). Boa higiene, prática de esportes, leitura de obras leigas ou religiosas, momentos de constrangimento, ameaças de castigos, além de

privação de recreio, de classe, de jogos livres e de gymnastica, supressão de privilegios de bom comportamento, restrição e privação da liberdade, dos passeios, do cinema, de tudo enfim que lhes seja agradável, todas essas medidas ligadas immediatamente á transgressão das normas impostas, são recommendaveis (Lima, 1927, p. 54).

Para os *eschizoides*, refugiados em si mesmos, o autor aconselhava a higiene da imaginação, que se evitasse abuso nas leituras e nos espetáculos românticos, nos simbolismos, na ociosidade, nas abstrações e nos sonhos. Era preciso conquistar a confiança da criança para que ela não se refugiasse em si mesma; caso contrário, seria prudente buscar ajuda nos especialistas “afim de agir efficazmente sobre a evolução da eschizoidia” (Lima, 1927, p. 56).

Caberia à escola primária ensinar os bons hábitos e corrigir os maus, dirigindo a formação do caráter da criança, já que esta costumava ser mal ou pouco orientada no lar e até nos jardins de infância e nas escolas maternais. Tida como um ser em desenvolvimento, a criança deveria ser inserida o quanto antes nas práticas da moralidade e dos bons costumes, sendo ajustada ao meio social. Dessa forma, sua saúde mental a auxiliaria a recusar as más ações, voltando-a para o bem, e favoreceria que ela atingisse a emancipação e a tranquilidade de consciência.

Por meio das práticas de higienização das mentes, os médicos atuariam nos campos da moral, do corpo e da mente de cada criança, propiciando uma formação de hábitos sadios nos infantes. A análise das medidas profiláticas destinadas à dosagem certa de ensino para cada caso de anormalidade observado nas mentes e nos comportamentos das crianças evidenciou o ensino sob medida, que, realizado da perspectiva da disciplina e da normalização dos corpos, teria a educação completa – moral, intelectual e física – dos infantes como o fim da prática pedagógica.

Para Luiz Antonio dos Santos Lima, os hábitos contraídos durante a infância seriam úteis para o resto da vida. Assim, além do disciplinamento e normalização dos indivíduos anormais, caberia orientar a criança normal escolar para a educação cívica, ofertar-lhe lições de higiene, a educação sexual, o ensino voltado para o antialcoolismo e antitabagismo e para o perigo dos jogos viciosos. Com isso, o Brasil atingiria o nível de desenvolvimento social de um país com progresso e civilização.

Seriam esses os saberes e práticas que atingiriam a realidade menos concreta do indivíduo, sua mente. Por meio de estratégias de expansão

para toda a população, tais práticas se tornariam procedimentos abrangentes de inclusão e exclusão social, constituindo um processo de dominação com base no binômio normal e anormal. Dessa forma, “mediante os procedimentos normalizadores do exame e da ‘confissão’, as pessoas são classificadas como objetos, ‘revelando’ a verdade sobre si mesmas. Ao construir, assim, sujeitos, o poder moderno produz indivíduos governáveis” (Marshall, 1993, p. 29, tradução nossa).

Governado, higienizado, na concepção de Luiz Antonio, o corpo “era o local de aplicação do poder, mas não um poder que buscava destruir, e sim o de salvar; não se tratava de um poder sobre a vida, mas um poder para dar vida” (Marshall, 1993, p. 25, tradução nossa).

Assim, no intuito de controlar e normalizar o comportamento para prevenir as doenças da alma em cada criança, as medidas de higienização das mentes, observadas em *Hygiene Mental e Educação*, visavam principalmente a manutenção da saúde dos escolares segundo o padrão de normalidade instituído pelo saber médico do século XX.

Verificamos ainda que, imbuído da relação indivíduo-sociedade, Luiz Antonio privilegiou a formação do sujeito como fundamento de todo o saber e de todo o seu significado. Com isso, o critério de normalização dos escolares, por meio das medidas médico-educacionais de higiene mental, permitiria ao ensino proposto pelo potiguar a medida certa para a unificação das suas operações num nível mais aperfeiçoado de especificação. Ou seja, por meio de uma prática pedagógica que considerasse as diferenças intelectuais e os desvios de comportamento dos escolares, seria possível alcançar um ensino que fosse adequado para cada caso de anormalidade, na medida de cada mentalidade, favorecendo, portanto, que um tratamento específico para cada caso anormal de moralidade e/ou de comportamento.

Acreditando que a higiene mental, com base no melhoramento do espírito de cada indivíduo, contribuiria para a regeneração da sociedade, Luiz Antonio dos Santos Lima fundamentou seu pensamento educacional na Psicologia, que daria a base científica para a higiene mental. Os termos psicometria, psicologia comportamental, psicologia experimental, por exemplo, amplamente defendidos e repetidos em sua tese de doutoramento, representam as principais contribuições da Psicologia (Mendonça, 2006).

Por considerar a educação como “uma aplicação pratica da *Hygiene e prophylaxia mental*, como esta o é da *psychologia*

experimental” (Lima, 1927, p. 173), ele defendeu a ideia de que cada escola tivesse o seu “laboratório escolar”, com material indispensável às pesquisas de psicologia experimental e à aplicação dos testes de inteligência.

Segundo seu pensamento, medir, quantificar, controlar e adaptar o indivíduo, encontrando as possíveis falhas, defeitos e desajustes da inteligência e do comportamento, era essencial para um ensino na medida de cada necessidade. Nesse sentido, Luiz Antonio dos Santos Lima salientou a importância da formação de hábitos sadios e condicionados ainda no período escolar, para que o desenvolvimento da inteligência e do comportamento de cada criança não comprometesse o progresso da nação.

Assim, num momento em que os desvios comportamentais eram vistos como perigosos ao desenvolvimento do país e à civilidade do povo, Luiz Antonio, seguindo o pensamento de Morel, temia uma progressiva e generalizada degeneração mental conforme sucedessem as gerações. Acreditando na possibilidade de corrigir o determinismo biológico, que ele chamou de “natureza hereditária má” (Lima, 1927), influenciada e determinada por fatores sociais do meio, pensou numa educação higiênica como fator de reconstrução nacional.

Por isso, o médico e educador potiguar baseou-se em textos e autores que abordaram os problemas sociais relacionados à higiene mental, cuja função seria prevenir a doença mental do futuro adulto.

A proposta de ensino escolar sob medida contida em *Hygiene Mental e Educação* visava diretamente intervir nas condições mentais das crianças. Da perspectiva do autor, somente a partir desse ensino sob medida é que seria possível formar os escolares de uma maneira completa, tornando possível ao professor trabalhar conjuntamente os aspectos físicos, morais e intelectuais de cada indivíduo. Ou seja, a formação completa dos infantes estava condicionada a uma medida adequada de ensino, a qual, por sua vez, seria implementada pelas medidas de higiene mental.

Para Luiz Antonio dos Santos Lima, o papel da formação da criança estava intrinsecamente relacionado ao futuro do país, visto que corpos com mentes sadias seriam, conseqüentemente, mais sadios e produtivos para a nação. Assim, a ênfase que ele deu ao aspecto mental da educação teve o intuito de moldar e treinar a mente do escolar e também de lhe extrair o máximo de energias e utilidade. Essa proposta de higienização mental

correspondia a uma estratégia política e educativa de controle da moralidade e do comportamento de cada criança em idade escolar.

Vemos, então, que Luiz Antonio dos Santos Lima, imbuído de um discurso médico e educacional, propôs o ensino de higiene mental como programa curricular, com ênfase na relevância das práticas de higienização das mentes nos escolares. Fica evidente, portanto, que ele pertencia à intelectualidade brasileira cuja crença no poder da higiene dava à educação a possibilidade de produzir uma espécie de “saneamento” mental junto às novas gerações e formular procedimentos a ser observados para que as condições propícias a um desenvolvimento psíquico sadio de cada escolar fossem atingidas.

Por tudo isso, afirmamos que o ensino sob medida proposto pelo pensador não pode ser pensado fora das relações de poder e saber do período em que a tese de doutoramento foi escrita. A concepção de ensino que Luiz Antonio dos Santos Lima apresentou foi produto das relações de poder da sociedade brasileira do início do século XX, que via a Medicina como a ciência capaz de dar boas orientações sobre a saúde do corpo e da mente de cada indivíduo. Assim, *Hygiene Mental e Educação* (1927) tinha como base um saber médico-científico que produziu um discurso de verdade¹¹, visando controlar, corrigir e normalizar os corpos infantis.

Juntamente com os demais médicos do período, por meio de práticas sociais de controle, vigilância e exame, Luiz Antonio dos Santos Lima contribuiu para a formação de um certo saber sobre o homem, a individualidade, o indivíduo normal ou anormal, dentro ou fora da regra. A análise do seu discurso médico-educacional levou-nos ao entendimento de que escola era o local ideal para a disseminação de suas propostas de higiene. As crianças, por sua vez, eram os campos de estudo e análise, tendo sido empurradas do seio da família, incapaz de educá-las, para as instituições produzidas com o fim de civilizá-las segundo o padrão disciplinar normalizador do período. Percebemos, com isso, que o

¹¹ No livro *A Ordem do Discurso* (1971), Foucault procura mostrar que os discursos que permeiam a sociedade são controlados, perpassados por formas de poder. Ele acredita que em toda a sociedade a “produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes, dominar seu conhecimento aleatório” (Foucault, 1971, p. 8-9). Foucault defende que os discursos são constituídos com base em regras sociais, institucionais e detentoras de saber que, por sua vez, garantem aos discursos o poder de serem aceitos como verdadeiros.

pensamento do autor articulava-se com o caráter político e econômico de formação de corpos e mentes saudáveis para uma nação desenvolvida.

A sanção normalizadora apresentada em sua tese de doutoramento visava a padronização dos comportamentos e dos gestos com o fim de igualar as individualidades para uma nação disciplinada, civilizada e avançada. A adaptação e o ajustamento à disciplina permitiriam a correção dos instintos e dos desvios dos escolares. Disciplina e controle das mentes eram, então, formas de organizar o espaço com base na repartição dos indivíduos, de controlar o tempo, de especificar cada criança – generalizando-a através de uma vigilância hierárquica –, de organizar as diferenças por meio de uma sanção normalizadora e produzir e reproduzir o saber por meio dos exames físicos e mentais.

Luiz Antonio dos Santos Lima, ao buscar a correção de hábitos dos escolares, a mudança de seus comportamentos, a padronização de suas condutas e o disciplinamento dos seus desvios, inseriu-se no ideário de higienização social almejado pela intelectualidade brasileira do início do século XX.

Considerações finais

Vimos que o contexto socioeconômico brasileiro em que a tese *Hygiene Mental e Educação* foi escrita determinava padrões de normalização da conduta e da moral da sociedade para que o progresso e a civilidade da nação fossem atingidos. Nesse quadro, profissionais do campo da saúde propuseram medidas para a higienização dos corpos e mentes da população. Notamos também que essas práticas de intervenção médica foram vistas como a solução para os diversos problemas sociais do início do século XX.

No caso da proposta pedagógica de Luiz Antonio dos Santos Lima, percebemos que a correção e a prevenção dos distúrbios mentais, com base em medidas de higiene, seriam determinantes para que o ensino escolar atingisse a educação completa das crianças. Seriam as medidas corretivas e profiláticas de higiene mental que favoreceriam a dosagem certa de ensino para cada caso de anormalidade observado nas mentes e nos comportamentos dos escolares. O ensino sob medida, da perspectiva da disciplina e da normalização dos corpos, correspondia à educação completa como fim da prática pedagógica.

O potiguar considerou a instituição “escola” como um dispositivo de controle social, uma forma de capturar por tempo variável os corpos dos

escolares e submetê-los à tecnologia do poder higienista, aplicando sobre eles as práticas cotidianas do que Foucault (1982) chamou de “docilização”. Por meio do processo disciplinar e normalizador dos indivíduos, proposto em *Hygiene Mental e Educação*, almejava-se transformar os corpos em entes dóceis, disciplinados, limitados pelo poder microfísico, que restringia significativamente o campo de ações e comportamentos.

O pensamento educacional de Luiz Antonio estava, portanto, em consonância com a cultura escolar do início do século XX, no sentido de defender a vigilância e o controle dos comportamentos, dos princípios, dos corpos e consciências, enfim, do “próprio caráter dos alunos” (Azevedo, 2011, p. 41). Sua concepção de ensino escolar era de que este deveria adequar o nível da prática educativa ao nível mental de cada criança de modo a evitar que ela sucumbisse às anomalias mentais. Ou seja, fazer com que, saudável mentalmente, cada indivíduo fosse educado de modo completo e, assim, paulatinamente, modificasse a situação social deplorável em que a nação brasileira se encontrava.

Seu discurso médico-educacional era marcado pelo otimismo de que, educada conforme os princípios da higiene mental, a criança do início do século XX cresceria de modo saudável e, por isso, futuramente, tornar-se-ia capaz de instruir adequadamente seus filhos nos preceitos da saúde e da higiene. Em outras palavras, o profissional Luiz Antonio dos Santos Lima pertencia à intelectualidade daquele momento histórico brasileiro e, justamente por isso, seu pensamento educacional, tal como foi exposto em *Hygiene Mental e Educação*, estava imbricado na realidade social daquele período.

Sua descrição das práticas de higienização das mentes, traçando um caminho para o ensino sob medida, enquadrou-se no discurso brasileiro normalizador do início do século. Defendendo o controle, a vigilância e a correção das doenças mentais dos escolares, seu pensamento representava a mentalidade médico-educacional do início dos novecentos no Brasil. Expressando essa mentalidade em prol do higienismo social, Luiz Antonio fez do contexto de desorganização da sociedade a justificativa para que o saber médico adentrasse o campo educacional. Na concepção de ensino que desenvolveu, o progresso e a civilidade da nação apareciam como pretexto para que o padrão de normalização da conduta e da moral de cada escolar, por meio das práticas de higienização das mentes, fosse implementado.

Finalmente, consideramos que a importância que Luiz Antonio dos Santos Lima teve para a historiografia educacional norte-rio-grandense e, conseqüentemente, para a brasileira deve-se não ao fato de seu pensamento de higienização mental das crianças ter sido posto ou não em prática nas instituições escolares. Sua importância deve-se ao fato de esse potiguar ter feito parte de um coro que pregava a urgente necessidade de transformação da sociedade.

Não se verificou, porém, que as implicações pedagógicas e os impactos de *Hygiene Mental e Educação* no ambiente escolar tenham sido expressivos. Na verdade, não foram encontrados vestígios de que o discurso médico-educacional de Luiz Antonio dos Santos Lima tenha sido posto em prática nas primeiras décadas do século XX, mesmo em seu estado natal. A importância desse discurso remete não aos impactos da tese no contexto escolar, mas à conjuntura social do período e às medidas que foram idealizadas por pensadores como Luiz Antonio – as quais fizeram parte de um coro nacional que via no futuro desenvolvido e no progresso do país, com pessoas saudáveis e civilizadas, a meta da nação.

A importância de analisarmos a concepção de ensino sob medida reside no fato de percebermos a perspectiva da educação de Luiz Antonio dos Santos Lima como uma expressão dos saberes de sua época, que seu pensamento recebeu diferentes influências e que essas influências mostraram-se determinantes para a produção do seu discurso.

A uniformidade no pensamento da intelectualidade acerca da necessidade de se higienizar os indivíduos, incluindo suas mentes, mostra a existência de um discurso de verdade sobre a sociedade brasileira do início dos noventa. O saber médico – no qual incluímos *Hygiene Mental e Educação* – almejou controlar a sociedade no intuito de vigiá-la e neutralizá-la.

No contexto social estudado, em que a doença mental era tida como um risco ao desenvolvimento sadio do país, a análise do discurso do potiguar levou-nos a investigar o saber que foi produzido no início do século XX sobre a infância brasileira. Tida como um momento da vida em que a intervenção médica para a correção de possíveis desvios mentais se fazia essencial para um futuro sadio, a infância era alvo de uma prática educativa que tendia a aprisionar a opinião do indivíduo infantil e favorecer a cientificidade da medicina.

Ao se preocupar com as anormalidades mentais que os escolares apresentassem e ao defender a implementação das práticas de higienização

das mentes das crianças, Luiz Antonio desconsiderou o interesse e a necessidade infantis. Assim, submeteu o pensamento da criança ao rigor da ciência médica, que seria responsável por sua vigilância, controle e normalização.

Em sua concepção, o ensino seria capaz de livrar a nação brasileira da indisciplina, da incivilidade e das moléstias diversas que afligiam a população, o que justificaria seu esforço para descrever as medidas de higienização que considerava essenciais para viabilizar o ensino sob medida.

Referências

Azevedo, C. B. (2011). Escolarização da infância no Sergipe republicano. In M. M. Paiva, K. F. M. Viveiros, & O. M. Medeiros Neta, *Infância, escolarização e higiene no Brasil* (p. 39-64). Brasília, DF: Liber Livro.

Azevedo, C. B., & Stamatto, M. I. S. (2012). *Escola da ordem e progresso: grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte*. Brasília, DF: Liber Livro.

Boarini, M. L. (Org.). (2000). *Desafios na atenção à saúde mental*. Maringá, PR: Eduem.

Boarini, M. L. (2003). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenia no Brasil*. Maringá, PR: Eduem.

Boarini, M. L. (2007). A Higiene Mental e o Saber Instituído. *Mnemosine*, 3(1), 3-17.

Cardoso, R. (Org.). (2000). *400 nomes de Natal*. Natal, RN: Prefeitura Municipal do Natal.

Cascudo, L. C. (1998). *História da Cidade do Natal*. Natal, RN: RN Econômico.

Costa, K. L., & Moraes, M. A. C. (2010). O Professor Luiz Antonio dos Santos Lima e sua prática educativa nas instituições escolares (Natal/RN, 1910-1930). In *Anais do 8º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. São Luís, MA.

Costa, K. L. (2011). *Luiz Antonio dos Santos Lima: um educador higienista no Rio Grande do Norte (1910-1941)* (Monografia de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

- Costa, K. L. (2013). *Luiz Antonio dos Santos Lima e o seu legado educacional (Natal/RN, 1910-1961)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Dias, A. A. T. (2011, Agosto/Dezembro). Páginas de ciência, crime e loucura: a trajetória e o projeto médico-intelectual de Heitor Carrilho (1930-1945). *Temporalidades*, 3(2), 78-97.
- Dumas, F. (1996, Novembro/Fevereiro). A eugenia em cena: dois estudos sobre a questão. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, II(3), 181-182.
- Foucault, M. (1971). *A ordem do discurso* (L. F. A. Sampaio, trad.). São Paulo, SP: Loyola.
- Foucault, M. (1982). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. In H. L. Dreyfus, & P. Rabinow (Orgs.), *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica* (p. 231-249). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Gondra, J. G. (2002). Higienização da infância no Brasil. In J. G. Gondra, *História, infância e escolarização* (p. 110-133). Rio de Janeiro, RJ: 7Letras.
- Gondra, J. G. (2004). *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro, RJ: Eduerj.
- Herschmann, M., Kropf, S., & Nunes, C. (1996). *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937)*. Rio de Janeiro, RJ: Diadorim.
- Lima, L. A. S. L. (1927). *Hygiene Mental e Educação*. Rio de Janeiro, RJ: Jornal do Comércio.
- Lima, T. A. (1996, Novembro/Fevereiro). Humores e odores: ordem corporal e social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, II(3), 44-97.
- Marinho, M. (2011). *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense*. Natal, RN: EDUFRN.
- Marshall, J. (1993). Foucault y la investigación educativa. In S. J. Ball (Org.), *Foucault y la Educación: disciplinas y saber* (p. 15-32). Madrid: Morata.

Mendonça, D. (2006). *A higiene mental do escolar: o ardil da ordem* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Santos, M. A. C. (2010). Criança e criminalidade no início do século XX. In M. D. Priore (Org.), *História das crianças no Brasil* (p. 210-230). São Paulo, SP: Contexto.

Scott, A. S. (2012). O caleidoscópio dos arranjos familiares. In J. M. Pedro, & C. B. Pinsky (Orgs.), *Nova História das mulheres no Brasil* (p. 15-42). São Paulo, SP: Contexto.

Silva, J. R. (2013). *A concepção de ensino sob medida na obra Hygiene Mental e Educação (1927), de Luiz Antonio dos Santos Lima* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Sodré, N. W. (1976). *Formação histórica do Brasil* (9a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Veiga, C. G. (2011). Educação estética para o povo. In E. M. T. Lopes, L. M. Faria Filho, & C. G. Veiga (Orgs.), *500 anos de educação no Brasil* (p. 399-422). Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Endereço para correspondência:

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes

Rua Arabutã, 75 - Pitumbu

Natal/Rio Grande do Norte

CEP: 59.068-580

E-mail: gpfe.ufrn@gmail.com

Juliana da Rocha e Silva

Rua Capitão Abdon Nunes, 746

Edifício Paulo Aty, apartamento 501 - Tirol

Natal/Rio Grande do Norte

CEP: 59.014-540

E-mail: julianarocha41@hotmail.com

Submetido em: 25/04/2014

Aprovado em: 23/02/2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.